

**TRECHOS DE LIVROS**

**A DITADURA ENVERGONHADA**

**Elio Gaspari**

Capa



## TRECHOS DE LIVROS

### A DITADURA ENVERGONHADA

**Elio Gaspari**

Pág. 70

“Nova ligação do chefe do Estado-Maior, dessa vez para o número 27-4759, ao lado do qual dormia o banqueiro **José Luiz de Magalhães Lins**, sobrinho do governador de Minas Gerais e principal executivo de seu banco, o Nacional.[93] Banqueiro de cineastas brilhantes sem crédito e de jornalistas de crédito com pouco saldo, **Zé Luiz** era um homem sem sombra que nas últimas semanas vagara pelas guaritas da conspiração. Castello pediu-lhe que falasse com o tio para verificar se ainda era possível retardar Mourão. Menos de uma hora depois ele já estava na casa do general, dizendo-lhes que Magalhães já não via como recuar.(94) Por volta das dez horas Castello deixou Ipanema e foi para o trabalho, no sexto andar do Ministério da Guerra....”.....

---

[93] **José Luiz de Magalhães Lins**, agosto de 1988

[94] Pedro Gomes, “Minas – Do Diálogo ao “front””, em Alberto Dines e outros, Os Idos de Março e a queda em abril”, p. 106, e **José Luiz de Magalhães Lins**, agosto de 1988....”

## TRECHOS DE LIVROS

### A DITADURA ENVERGONHADA

**Elio Gaspari**

Pág. 164

“Através do seu chefe-de-gabinete, coronel Newton Leitão, que se tornou a face visível do Serviço na noite carioca e nos mais elegantes restaurantes do centro, ligou a tomada do SNI ao banqueiro **José Luiz de Magalhães Lins**, o bem informado e misantrópico diretor executivo do Banco Nacional de Minas Gerais. Leitão circulava com ternos bem cortados e uma pistola Walther PPK na cintura. Funcionava como o ouvido ambulante de Golbery. Essa imagem era literal, pois o coronel gravava o que se dizia em sua sala ou em seu telefone. Em maio de 1965, Heitor Ferreira anotou em seu diário: “Geisel leu os telefonemas de Leitão com **José Luiz**”. [37]

---

[37] Diário de Heitor Ferreira, 8 de maio de 1965